

CARVALHO MOURÃO

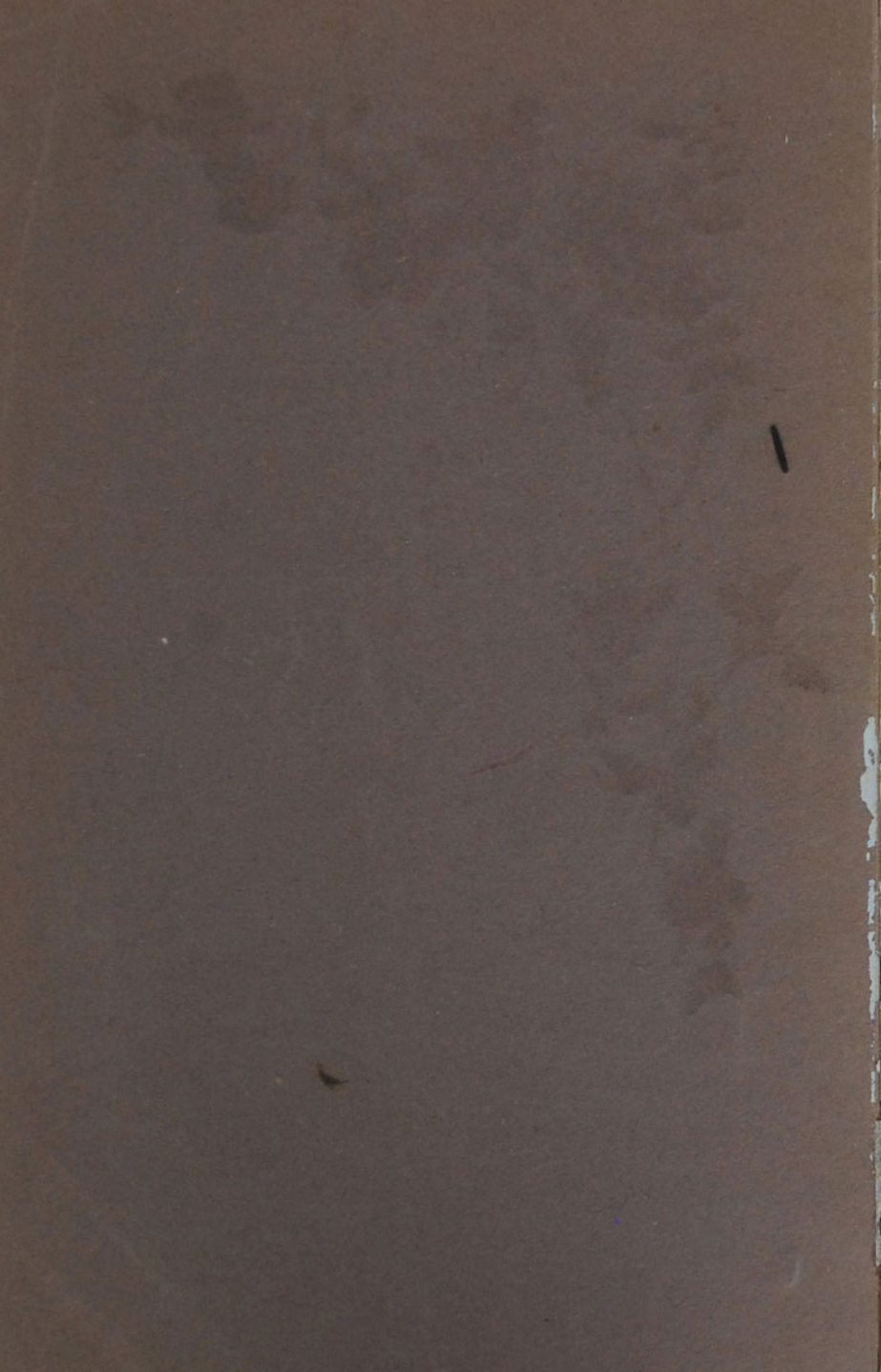
PÉTALAS DE ROSA

VERSOS

LISBOA

Comp. e imp. na Typ. do Anuário Commercial
Praça dos Restauradores, 27

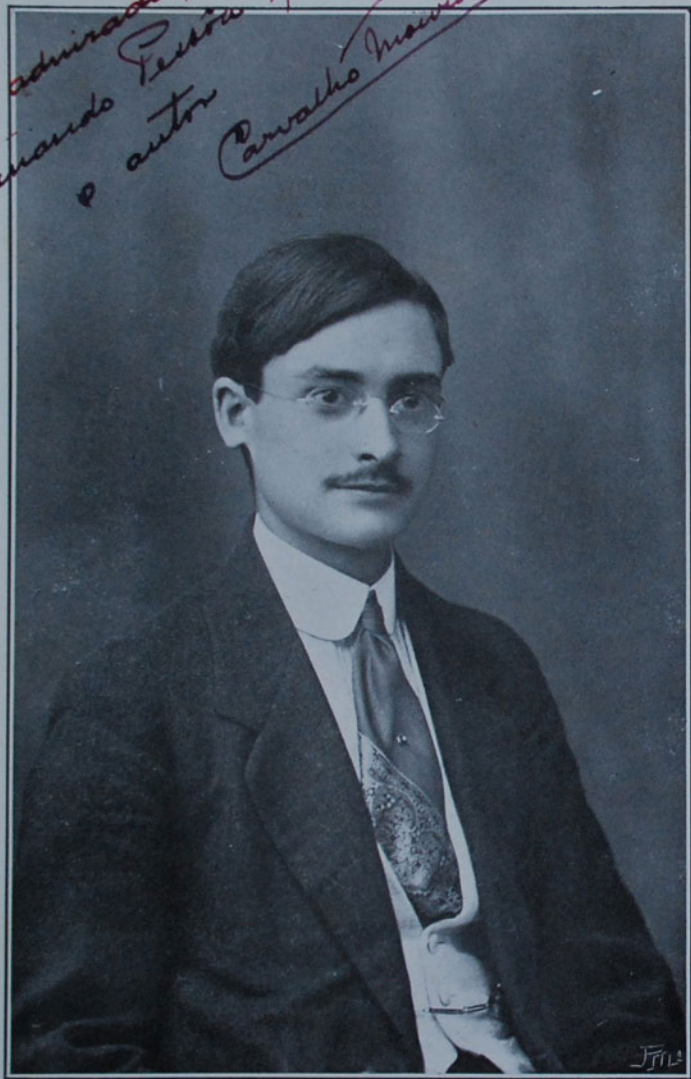
1913



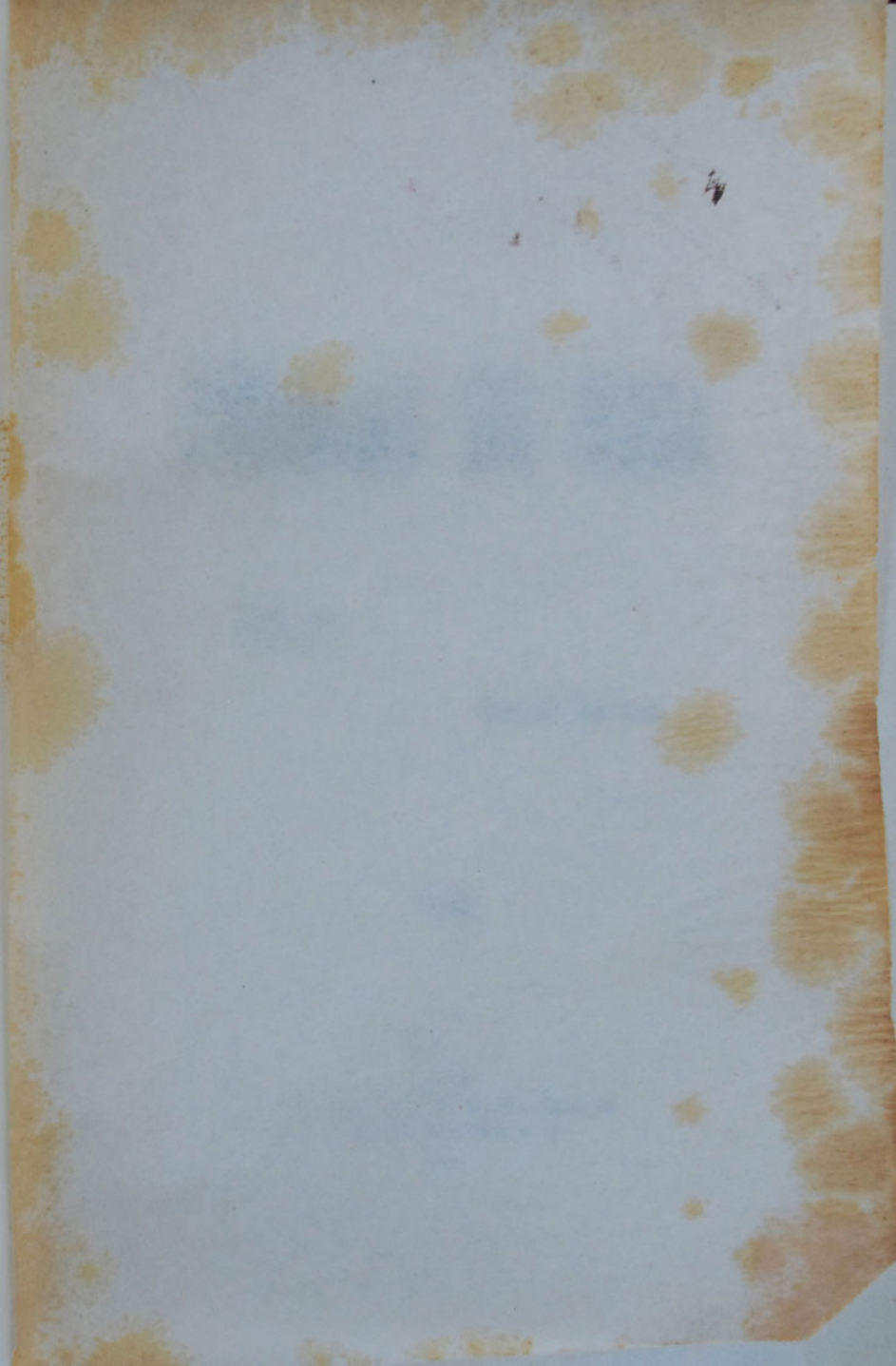
PÉTALAS DE ROSA

*do admirado poeta
Fernando Pessoa
o autor*

Carvalho Mourão



Carvalho Mourão



do *vi* *justa* *quere*
Fern *de* *la* *mano*



Caroline Ward

CARVALHO MOURÃO

PÉTALAS DE ROSA

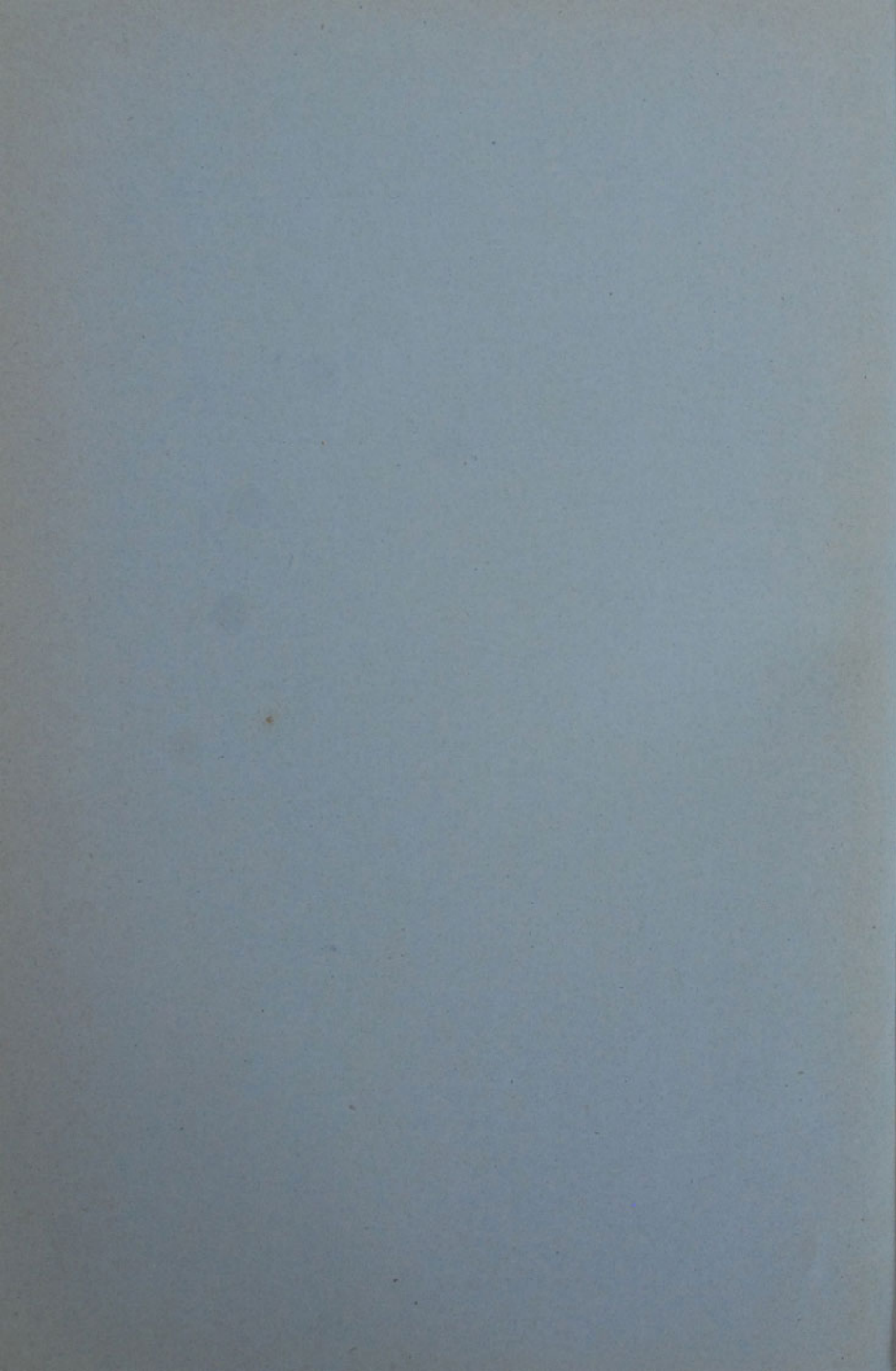
Versos

Ensaio literario

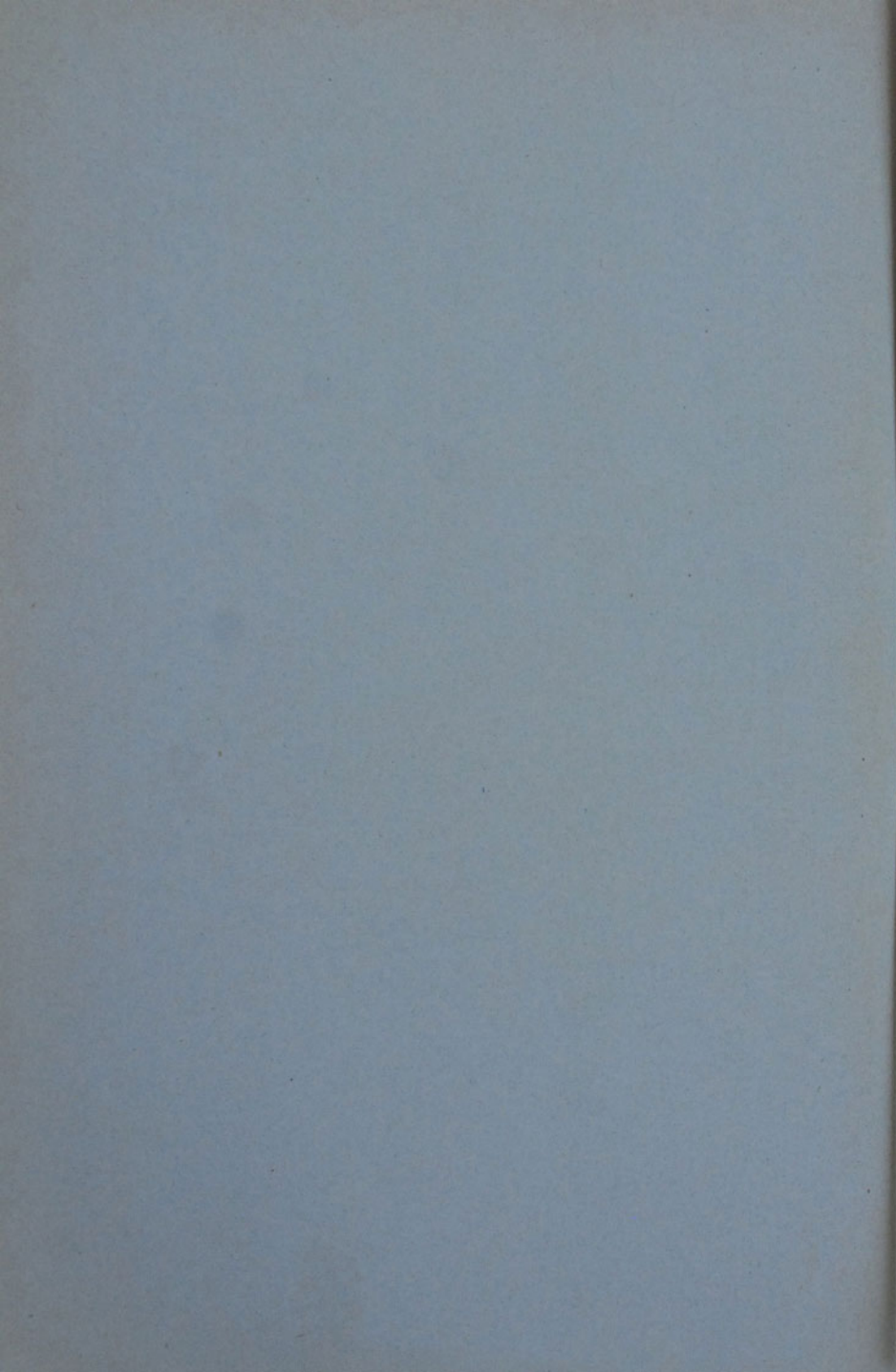


LISBOA
Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1913



DEDICATORIA



A meu pai

*São pétalas de rosa, o que vais ler
Neste folheto humilde e sem valor.
São versos que te pagam um penhor
Que desde que nasci te ando a dever.*

*Da rosa desfolhada o sentimento
Neles quiz imprimir, talvez em vão!
Teem porem um cunho: a Gratidão
P'lo teu amor, meu pai, de que me alento.*

*Se a escrevé-los, modestos, aprendi
A ti tal devo, pai, que me instruíste.
E embora a gloria deles não conquiste
Contente fico por t'os dar a ti!*

PREFACIO

Prefacio

Nos tempos que estamos atravessando, em que o Teatro e a Literatura se esforçam para saír da triste decadencia em que a falta de iniciativa dos povos, os tem deixado, aparecem na ribalta da publicidade milhares de aspirantes, alguns dos quaes tentam, com mesquinhos trabalhos, fazer renascer dos escombros do seu heroico passado, a Poesia, que outr'ora, quer cantando em madrigais sentidos, ao som do alaúde, as tranças louras duma feiticeira de lenda, quer descrevendo a tradição dum povo que na historia se distinguiu pelos seus feitos, era bela no seu sentir e sublime na sua inspiração. Eis o que falsamente nos tem enganado. A Poesia não morreu, a inspiração nunca se esquivava a quem a saiba cultivar, e esses aspirantes, julgando fazê-la renascer, esmagam-na com a torpe ambição dum nome imortal nas paginas da Literatura, que só com justiça pertence a quem o merece.

Carvalho Mourão... *Pétalas de Rosa*, são uma só entidade poetica como o leitor amigo e justiceiro poderá observar. Um novo que vem merecidamente engrandecer a galeria literaria, espalhando modestamente em *Pétalas de Rosa* o seu inspirado sentir, em rendilhados de beleza, duma infinita suavidade na forma.

Nas paginas d'este livro, ha vislumbres de tristeza, espargidos com carinho, em verso burilado pela harmonia do seu todo e pela pureza das suas idéas.

Um novo, disse eu?!... Mas é um novo que é velho a encarar a realidade da vida, que sonha e vive unicamente para o Ideal que nasceu com ele, um novo que enobrece a literatura, que lhe faz justiça procurando, em vão, arrastá-lo da enormissima modestia que o amortalha.

E o leitor que sabe reconhecer o merito de todo aquele que o pode revelar, ao passar a vista pelas *Pétalas de Rosa* far-lhe-ha a justiça de o apreciar devidamente.

Outubro, 1913.

A. Victor Machado.

SONETOS

A poesia

Ao meu amigo e colega A. Victor Machado

E' duma forma dôce de harmonia,
Bálsamo que no éter anda imerso!
E' o amor com que a mãe embala um berço!
E' do luar a luz! E' o sol! E' o dia!

E' a tristeza amarga! E' a alegria!
E' um sonho brando em lágrimas disperso!...
A dôce inspiração que tem um verso,
A brandura adoravel da poesia!

Cai lá das vastidões do infinito
A inspiração sublime, o estro bemdito
Por sobre halucinadas mentes, vagas,

E o misero poeta, na agonia
Rasgando o peito, escreve uma poesia
Com o proprio sangue que se esvai das chagas!

Figueira da Foz, 1911.

Sentimento

Tristeza amarga! Infinda comoção!
Vago misterio que a nossa alma invade,
Negro manto de horror que á mocidade
Lhe despedaça o fragil coração.

Ter um rancor imenso á solidão,
Um medo atroz á magna sociedade,
.....
Ouvir a justa frásé da Verdade
Que assim nos rouba um campo de ilusão.

Haurir só o prazer desse passado
De errada esperança, de ventura imensa
Andar no mundo assim desamparado

Pisando espinhos duma dor intensa! . . .
Eis o sentir dum pobre apaixonado
Se vive sem amor, sem fé, sem crença!

Prece

Amo-te, qu'rida, mui profundamente
Profunda é, por ti, minha paixão!
Não firas o meu pobre coração,
Que por ti pulsa interminavelmente.

Não sejas má! Imploro docemente
Tal como qualquer pobre esmola um pão:
E se eu te perguntar, não digas, não,
Que por mim, o teu peito nada sente...

Este pobre soneto, sem valor
Da triste pena dum apaixonado,
Pede-te encarecido e com fervor

Que, ficando eu do teu olhar privado
Se acaso tu, por mim, nutres amor,
Por vezes, lá, por ti, seja lembrado!

Estoril, 1912.

Eterna saudade

Ao meu velho amigo Antonio Lima

O' flôr gentil e bela que partiste
Daqui para tão longe, eternamente,
Deixando dentro em nós, constantemente,
A tua imagem. Porque nos fugiste?

A resposta que davas era triste;
Por isso não t'a quero. Tão sómente
Desejo que me dês unicamente
O amor que já em teu peito não existe.

Se a ninguém o deixaste, dá-mo, imploro,
Pois só com ele posso conhecer
Quão grande é essa morta por quem choro!

E assim, eu cumpriria o meu dever:
Em saudades infindas, feitas de ouro
Gravaria o teu nome, até morrer!

Lisboa, 1912.

Amor

Ouvi dizer um dia, não sei quando,
Que amor é sonho, é ilusão que passa,
Pombinha branca que no ar esvoaça,
Que poisa e foge pelos ceus voando! . . .

Amar, porém, será viver sonhando?
Permite «Amor» que tal pergunta faça.
Se isso fosse verdade, tinha graça,
Na vida em sonhos andaria errando!?

Passaria sonhando a vida inteira,
Longe do mundo e longe do prazer,
E essa nivea pombinha, ave ligeira,

Poisada junto a mim, como é de crer,
Em vão estaria á minha cabeceira,
Cumprindo eternamente o seu dever!

Sonhos

Ao meu sincero amigo José Coelho de Jesus Pacheco

I

Das espirais de fumo, em que se eleva
Meu espirito inconstante e sonhador,
Diviso vágamente o meu amor
Sublime, na nudez formosa de Eva.

Todo o meu ser, imerso em densa treva,
Duma volupia ardente, no estertor,
Intenta apoderar-se do fulgor
Da carne palpitante que o enleva!

E o fumo brando e leve, que sustem
O meu corpo fremente de desejos,
Conduz-me á luz fulgente do meu bem!

Sinto pulsar-me o sangue em mil latejos
E o sangue dela a latejar tambem
Anceia p'la doçura dos meus beijos!

.....

II

E o fumo sobe vaga e lentamente...
Mergulho já na luz da minha amada,
Cuja tremula boca apaixonada
Parece qu'rer gosar-me ardentemente.

Já vejo a sua fronte alvinitente!
Vejo a luz dos seus olhos, encantada,
E, virginal, a vejo, desgrehada,
Lançando-me os seus braços docemente.

...E chego!... E' ela!... E junto a mim a vejo!
Emfim! Louco d'amor, irei gosar
A sonhada ventura dum desejo!

Meus lábios sinto já a tremular...
E ao goso ardente do primeiro beijo
Em fumo se desfez o meu sonhar!

POESIAS

Um sonho

Era uma noite linda de luar
Aquela em que contigo passiei!
Ventura assim igual nunca encontrei,
Andando junto a ti, á beira mar!

.....

A lua triste, a lua da poesia,
O seu raiar nas aguas reflectindo
Espelhava-se no mar sereno e lindo!
A fresca brisa murmurar se ouvia.

E dentro dumas rochas, ao abrigo
De tão alegre brisa que soprava
Um ente com fervor um outro amava
E deixava escapar um beijo amigo!

.....

Mas, oh! que desgraçado coração
Aquele que te adora e tanto sente,
Visto que essa visão doce e ridente
Não passava dum sonho... uma ilusão!

Estoril, 1911.

Infelizes

À minha bôa tia

Envolve em negro manto a desventura
Os pobres, deste mundo no caminho.
Mas cabe no seu peito inda a ventura
Do olhar de alguém que os ame com carinho.

.....

Eu nunca soube dizer
O que é vida! Francamente,
Eu sei lá o que é viver?!...
Andará sonhando a gente!?
Não sei responder, já disse.
Tal pergunta eu abomino.
Acho que é, pensar, tolice
Nos caprichos do Destino!

Pensando na vida a serio
Passo sempre maus bocados,
Pois do mundo no imperio
Vejo todos desgraçados!
E, sentindo-me infeliz,
Julgo até, (quem tal diria?)
Ser na desgraça, feliz
Por nela ter companhia.

Quiz o Destino implacavel
Que a desventura me f'risse,
E um desgosto abominavel
Sobre o meu peito caísse!
... O Destino quiz assim,
Seu poder o conseguiu...
E vida nova p'ra mim
Nesse momento se abriu!

Senti faltar-me um desejo
Quente, em venturas desfeito,
Traduzido por um beijo
Pela manhã no meu leito.

Senti a falta de alguém
Que a sorte me quiz levar!
Senti faltar-me também
Velho conforto dum lar!

Apezar da liberdade
Que eu anciava num «ai»
Apezar 'té da amizade
Que pode nutrir um pai
Nada emfim suprir me veio
(Juro falar francamente)
Aquele saudoso meio
Em que eu vivia contente!

Mas, a sorte quiz um dia,
Bemdito seja, também!
Que eu encontrasse uma tia
Para chamar minha mãe,
O seu ar docil e querido
A sua infinda bondade
Fizeram num peito f'rido
Criar dum filho a amizade!

E quando eu, pobre, podia,
Na minha desgraça absorto,
Ia ver primos e tia
E partilhar tal conforto!

.....

A desgraça, por mais dura,
Seja forte a sua mão,
Não impede que a ventura
Exista no coração.

.....

Envolve em negro manto a desventura
Os pobres, deste mundo no caminho.
Mas cabe no seu peito inda a ventura
Do olhar de alguém que os ame com carinho.

Anoitecer

Quando o sol, já debaixo do horizonte,
Dava aos campos o tom crepuscular,
E entre os pinheiros tristes, uma fonte
Fazia ouvir da água o murmurar;

Quando a lua, de luz argentea e triste
No ceu, se ergue contente, azul de anil,
E o seu alvor gelado só consiste,
Numa curva luzente, vã, subtil;

Quando a brisa, suave e agradável
Ao longe sibilava vagamente,
E o ralo campesino, inigualavel
Nesses prados cantava alegremente;

Quando, por entre as sombras, nesses campos,
Dos tremulos arbustos, verdejantes
Brilham de luz os ternos pirilampos
Voando sem destino, andando errantes...

.....

Uma sombria flor, muito orvalhada,
De definhadas pétalas sem côr,
Pedia á caridosa madrugada
Que a noite fosse curta e com calor!

Azeitão, 1912.

Saudades

Saudade é um veneno brando e quente
Que o nosso peito excita num desejo.
Saudade é não poder depor um beijo
Na bôca de quem se ama eternamente!

.....

Se o ser a quem amamos com fervor
E' longe dum olhar,
E os nossos labios, avidos de amor
O desejam beijar,

Um sentimento amargo de desgraça
O coração invade
E uma pombinha branca que esvoaça
Conduz-nos a saudade.

Replêto de avidez o nosso peito
Recebe esse sentir
Que em sonhos mil, e lágrimas desfeito
Consegue progredir.

E enquanto a luz do nosso triste olhar
Lágrimas contiver,
A esperança dessa amante inda avistar
Jamais ha de morrer!

Até que finalmente a impia sorte
Em branda noite escura
As saudades apaga! E' quando a Morte
Nos abre a sepultura.

.....

Saudade é um veneno brando e quente
Que o nosso peito excita num desejo.
Saudade é não poder depor um beijo
Na bôca de quem se ama eternamente!

Vesperas

E' amanhã!... Depois!... Faltam dois meses!...
O tempo corre, o dia ha de chegar,
E a festa se começa a preparar
Vencendo do trabalho os maus revezes.
Preparam-se projectos de valor,
Fazem-se prendas, perdem-se alegrias,
E enquanto passam esses poucos dias
Tudo são sonhos, ilusões de amor!

Um filhinho faz anos amanhã;
E ainda que a miseria atroz lhes fosse,
A bôa da mamã
Prepara o arroz dôce.
Faltam dois dias para que o povoado
Em festa esteja cheia de fulgor
Pois é o baptisado
Da filha do doutor.

Se festa de esplendor é preparada
Em casa rica, alegre, de fartura,
 Enfeita-se a fachada
 Com flores e verdura.

.....

Em todos os preparos dos festejos
Que as vespersas indicam p'ra amanhã,
Ha sempre a alimenta-los, mil desejos,
Brande sempre uma esperança, esperança vã:
Julga-se sempre, — a experiencia o prova, —
Que a festa preparada sem igual
E' mais brilhante, bela, e até mais nova,
Do que a notada aos olhos do real!

Só uma festa existe de emoção,
 — Se é festa tal prazer! —
Que alegra intensamente o coração,
 E que nos faz viver.

Se em vespéras mil sonhos projectamos
Brilhantes, irisados,
Os que vemos depois, os que gosamos
São inda mais doirados.

E' a festa do «Amor» e da «Paixão»
Na qual se juntam dois, num ente amado.
A festa que é mais grata ao coração:
As bodas do noivado!

Chainhos, 1913.

Velhice

Ao meu querido tio Simão Carvalho Mourão

Era tarde de agosto, o firmamento
Par'cia convidar os passarinhos
Ao sono puro e leve dos seus ninhos
Que em ramos oscilavam pelo vento.

A natureza, heroica e majestosa
Uma vaga tristeza nos cedia,
Tão cheia de prazer e de poesia
Que o triste, em tal tristeza também gósa!

Caía sobre a terra o quér que fosse
Que a alma nos perturba e nos inspira,
Um ar anjelial que se respira
E um perfume nos cede, brando e doce.

Os rebanhos voltavam aos casais,
O sol ia dormir detrás do monte
E o murmúrio longinquo duma fonte
Par'cia adormecer os vegetais.

Na aldeia, em casas rusticas e feias
Ceava o lavrador. A f'licidade
Reinava ali na frouxa claridade
Que na m'esa lançavam as candeias.

Era a vez de conforto e de agasalho
Aos corpos dar, inertes, fraquejantes,
Cedendo á vida por alguns intantes
O repouso pedido p'lo trabalho.

*
* *
*

Caíu a noite. As arvores frondosas
Gemendo sob o vento do nordeste
Possuidas duma força vã, celeste,
Oscilavam impávidas, nervosas.

E emquanto o vento altivo assim soprava
E arvores gemiam pelo prado,
Um pobre velho, magro, esfarrapado,
P'la estrada incertamente se arrastava.

Donde vinha? Coitado! Não sabia.
Vogava assim sem luz, sem lar, sem tino
Ludibriado pelo atroz Destino,
Sem saber donde vinha nem aonde ia!

Pobre velho, coitado! Emquanto novo
Trabalhara, cumprira o seu dever,
Mas um dia chegou que sem saber
O maltratava a gente do seu povo.

Avançara na idade, fraquejaram
Seus braços vigorosos doutras eras,
E inutil p'ra o trabalho, as gentes fêras
D'insultos e maus tratos o tocaram.

...Fugiu! E pela noite andando errante
A custo caminhava pela estrada
Cheio de fome e cançasso e sem que nada
Lhe garantisse a vida mais avante!

Desgraçado velhote! Nos casais
Batia ás portas. Triste comoção!
Pedia-lhes poisada, ouvia:— Não!
Pobre velhinho, não podia mais!

Voltara á estrada para caminhar
Mas tão cançado estava e torturado,
Que a meio caminho ali caiu prostrado
Sem forças p'ra sequer se levantar!



Amanhecera. As folhas orvalhadas
Dos arbustos vistosos, verdejantes,
Par'ciam cravejadas de brilhantes,
Belas de luz, fulgentes, irisadas.

Nasceu o sol, e os lindos passarinhos
Começam sua faina matinal,
Voando para sobre um laranjal
Que perto havia ali, deixando os ninhos.

Iam para o trabalho os lavradores
Dando este áquele o seu melhor conselho
Quando na estrada veem o tal velho
A quem todos negaram seus favores!

Olham-no dum olhar pasmado, absorto.
Dentre tantos, nem um ha que o disperte.

.....

Erguem-no todos mudos. Era inerte
Tinha o corpo gelado. Estava morto!

Madeira, 1911.

A labareda

Tudo se esvai na furia duma chama!
Prazer, tristeza, as ilusões doutr'ora...
Ao ver a papelada que se inflama
Sorrindo a vista, o nosso peito chora.

Oh! Quanto amor dessa fogueira sai!
Quanta palavra vã, quanta quiméira,
Quanto sonho ambicioso ali se esvai
Que impurifica a lucida atmosphéira.

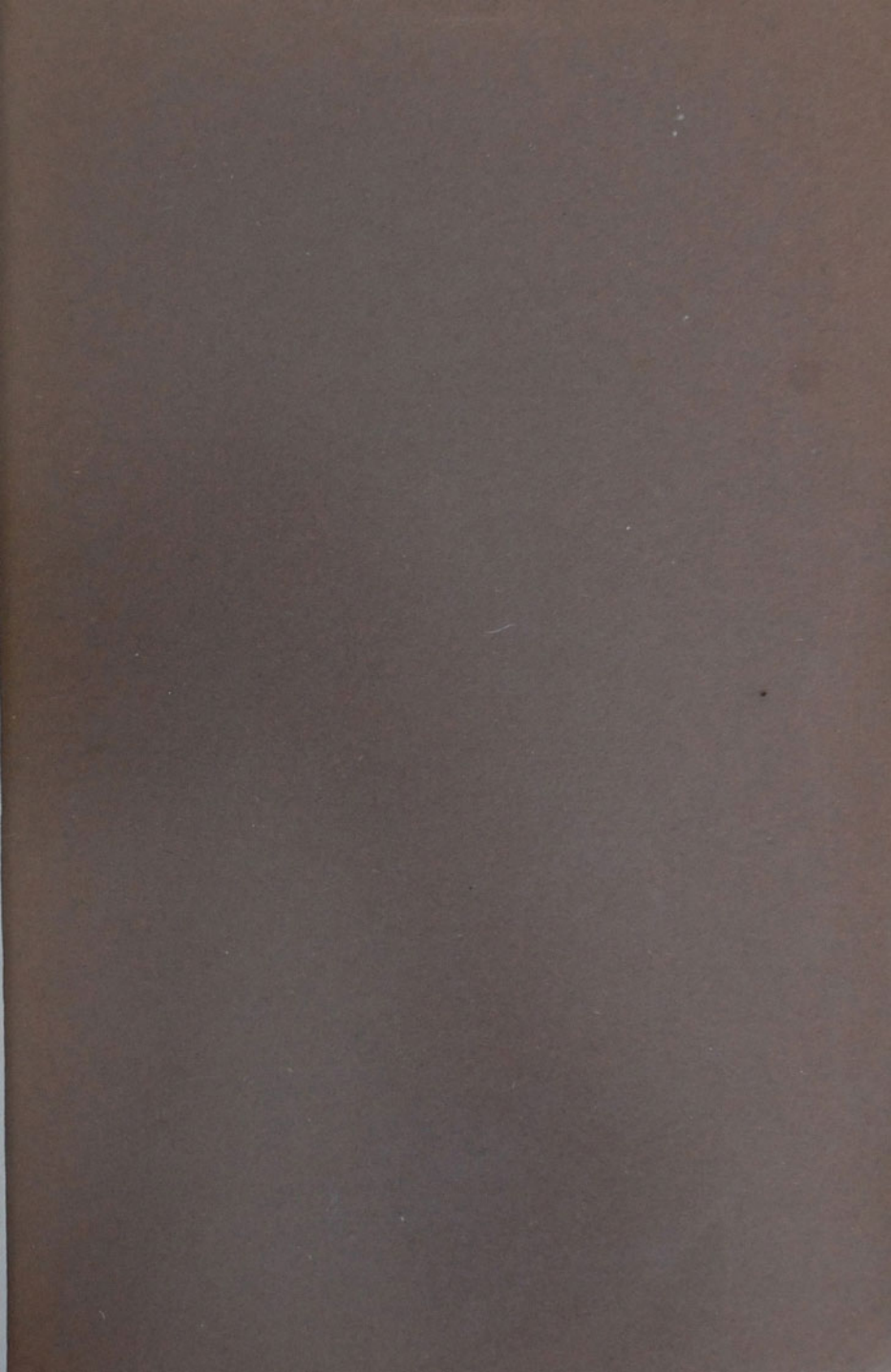
Palavras desejadas outros dias,
Projectos de feliz dedicação,
Realidades qu'ridas, fantasias,
Depois da chama é tudo só carvão!

Lisbôa, 1913.

Índice

	Pag.
A meu pai	7
Prefacio	11
A poesia	15
Sentimento	17
Prece	19
Eterna saudade	21
Amor	23
Sonhos	25
Um sonho	29
Infelizes	31
Anoitecer	35
Saudades	37
Vesperas	39
Velhice	43
A labareda	49





PREÇO, 30 CENTAVOS

8